

A culpa é do clique: o funcionamento verbo-visual do discurso do risco

p. 65 - 74

Francisco Vieira da Silva ¹

Maria do Socorro Maia Fernandes Barbosa ²

Resumo

Para este trabalho, tomamos como objeto de análise três capas da revista *Época*, as quais tomam a rede virtual e o sujeito internauta como objetos de discurso. Concebemos a mídia como um dispositivo da atualidade que se vale de diferentes saberes, poderes e técnicas. Nessa prática, ordena-se um dizer que faz circular um feixe de sentidos que se estabiliza frente à heterogeneidade de todo discurso. Apoiamo-nos na Análise do Discurso (AD) praticada no Brasil, encetando um diálogo entre as teorizações de Pêcheux com a arqueogenealogia de Foucault e nas recentes interlocuções com a Semiologia Histórica, tal como pensada por Courtine.

Palavras-chave: Discurso do Risco. Mídia. Verbo-visual.

IT IS THE CLICK'S FAULT: THE VERB-VISUAL FUNCTIONING OF THE DISCOURSE OF RISK

Abstract

For this work, we take as object of analysis three covers of magazine *Época*, which take the virtual web and the subject internet user as object of discourse. We conceive the media as a dispositive from nowadays that resorts of different knowledge, powers and techniques. In this practice, it's ordered a telling that makes circulate a sheaf of meaning that stabilizes itself front of the heterogeneity of all discourse. We takes support in the Discourse Analysis (AD) practiced in Brasil, launching a dialogue between Pêcheux's theorizations with Foucault's arch-genealogy and the recent dialogues with the Historical Semiology, as it is thought by Courtine.

Keywords: Discourse of Risk. Media. Verb-visual.

Introdução

Você não consegue 500 milhões de amigos sem fazer alguns inimigos. (Dizeres inscritos no encarte do filme *A rede social*, 2010).

Hoje, gosto mais de ser chamado pelo meu apelido na web, Furyoangel, do que pelo meu próprio nome (Marcelo Mello, em depoimento à Revista VEJA).

Em nossa tese de doutorado, ainda em andamento, estamos investigando o processo de

1 Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba;

2 Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte;

exposição da intimidade na mídia, atentando para a construção discursiva do sujeito celebridade. Preocupa-nos, pois, estudar as formas através das quais tais sujeitos subjetivam-se, mediante um processo em que urge mostrar-se, exhibir-se sem pudores para os outros. Para tanto, pensamos no papel que as tecnologias digitais exercem nesse cenário cuja máxima preconiza o “mostre-se o quanto puder”. Nesse ponto, aludimos às recentes feições assumidas pela web, no sentido de fomentar uma verdadeira profusão de discursos que recobrem a intimidade dos sujeitos, ou pelo menos aquilo que convencionalmente entendemos como vida íntima. Em decorrência dessa constatação, vislumbramos nas diversas vitrines midiáticas a emergência de uma série de discursos que perscrutam a internet, tecendo verdades que irão atrelá-la a um perigo iminente para a sociedade como um todo, com ênfase, principalmente, para os sujeitos que a utilizam de maneira efusiva, propondo uma legião de estratégias que visam garantir a segurança no ciberespaço. Conforme advoga Sousa (2014, p.) “[...] os enunciados que circulam nos veículos da mídia têm construído uma obsessão maníaca por segurança nos últimos anos”.

É justamente sobre esses discursos que volvemos nosso olhar neste trabalho. Para isso, tomamos como objeto de análise três capas da revista *Época*, as quais tomam a rede virtual, bem como o sujeito internauta como objetos de discurso. A mídia é concebida, neste texto, como um dispositivo da atualidade que se vale de diferentes saberes, poderes e técnicas. Na prática discursiva midiática, ordenam-se dizeres que faz emergir uma multiplicidade de sentidos, a despeito de subsistir certa regularidade, por vezes marcada por uma instabilidade, na construção desses dizeres.

Na tentativa de apreender o funcionamento discursivo dos enunciados presentes nestas

capas, pautamo-nos teoricamente na Análise do Discurso (AD), encetando um diálogo entre as últimas teorizações de Michel Pêcheux com a arqueogenealogia de Michel Foucault. Além disso, a fim de subsidiar a análise dos textos midiáticos atuais, metonimicamente representadas pelas capas e cuja composição amalgama o verbal com o imagético, levamos em conta as recentes interlocuções da AD com a denominada *Semiologia Histórica*, conforme pensada por Courtine (2011; 2013).

Filigranas de Foucault e Pêcheux: elementos para uma semiologia do olhar

Na *Arqueologia do Saber*, Foucault ([1969b] 2008, p.146) procura “tomar o discurso em sua existência manifesta”. Em suma, o conceito de discurso é concebido como um conjunto de enunciados que emerge de uma mesma formação discursiva. A partir dessa definição, o autor preocupa-se em estabelecer as características do enunciado, isto é, a unidade, o átomo do discurso; em síntese, as elucidações foucaultianas irão apontar que uma análise enunciativa deve procurar apreender os enunciados em sua *exterioridade*, reparando o seu caráter de dispersão e de descontinuidade no discurso (FERNANDES, 2007), o que pressupõe examinar, na esteira das reflexões foucaultianas, o discurso como uma série de acontecimentos discursivos, de maneira a estabelecer a relação que tais acontecimentos mantêm com outros numa rede discursiva.

Esse autor aborda ainda quatro elementos que evidenciam a unidade do discurso, quais sejam: *os objetos, as modalidades enunciativas, os conceitos e as estratégias*. A regularidade do discurso articula-se ao funcionamento rizomático dessas unidades. Por questões de espaço, centremos o foco sobre a formação das *modalidades enunciativas*,

entendidas por Foucault ([1969a] 2010), a partir da preocupação com o estatuto do sujeito que fala, com o lugar institucional a que o sujeito se vincula para falar, além da posição que o sujeito ocupa no discurso. Assim, esse pensador assevera que os lugares de onde o sujeito enuncia variam, de acordo com a conjuntura histórico-social. De modo semelhante, a posição do sujeito enunciador está suscetível às descontinuidades dos planos da fala (FOUCAULT [1969a] 2010).

Acerca do enunciado, Foucault ([1969a] 2010) alerta, num primeiro momento, que ele difere da frase, da proposição e do ato de fala, pelas seguintes condições: i) está na dimensão do discurso; ii) não está submetido a uma estrutura canônica típica da frase; iii) não denota as intenções do sujeito que o efetua, conforme preconiza a teoria dos atos de fala. O enunciado em Foucault é compreendido como uma função, que suporta: i) *um princípio de diferenciação* que circunscreve o objeto do qual se fala; ii) *uma posição de sujeito* – para enunciar, o sujeito ocupa uma posição no seio de uma dada prática discursiva; iii) *campo associado* – o enunciado inscreve-se numa rede de formulações que o sucedem e o antecedem, o que supõe o funcionamento de uma memória; iv) *materialidade repetível* – embora haja uma materialidade repetível, o enunciado sempre pode derivar. Ademais, o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data (FOUCAULT, [1969a] 2010), a fim de que possa constituir-se enquanto tal.

Na caracterização da função enunciativa, Foucault ([1969a] 2010) defende que o enunciado segue alguns princípios, a saber: i) *princípio da rarefação* (raridade) – nem tudo pode ser dito e nem tudo que é efetivamente dito reverbera *indefinidamente* (FOUCAULT, [1971] 2009), e a análise enunciativa deve radiografar a posição singular que o enunciado ocupa no interior de um regime de dispersão; ii) *exterioridade* – o enunciado precisa ser concebido no conjunto das coisas

ditas, das relações, com vistas a apreender sua própria irrupção no lugar e no momento em que se produziu, para reencontrar sua incidência de acontecimento; iii) *acúmulo* – atrela-se aos modos através dos quais os enunciados podem ser retomados, esquecidos, conservados; iv) *positividade* – define a unidade do enunciado através do tempo, relacionando-o com o arquivo de um determinado momento histórico.

Para além de centrarmos o foco sobre o enunciado em Foucault, é preciso mencionar os vestígios dessa perspectiva nos últimos escritos de Pêcheux, no início dos anos de 1980. Apesar dessas ideias terem circulado num recorte temporal demasiadamente curto, tendo em vista o súbito desaparecimento de Pêcheux, há de se considerar as repercussões que esses construtos incidiram no porvir, nos desdobramentos ulteriores da AD.

Dois *flashes* dos derradeiros escritos de Pêcheux ([1983a] 2006) permitem-nos entrever ressonâncias do pensamento foucaultiano, quais sejam: i) a indissolúvel ligação entre o discurso e a historicidade e ii) a noção de acontecimento atrelada ao conceito de arquivo. Assim, vislumbramos em Pêcheux, a emergência do discurso como a intersecção da estrutura com o acontecimento. Este último leva-nos a uma rede enunciativa de já-ditos, o que nos impele a pensar na ideia de arquivo, consoante explicitada nas teorizações de Foucault. Nessa perspectiva, não se trata de conceber o arquivo como uma soma de textos amorfos, mas como a lei, o sistema de enunciabilidade que impulsiona o (des) aparecimento e a emergência de determinado discurso como um acontecimento singular.

Toda essa atmosfera de mudanças e (re) configurações por onde a AD trilhou, nos primeiros anos da década de 1980, serviu de invólucro para uma série de apontamentos críticos. Nesse ínterim, ganha contornos mais substanciais uma discussão que culminará com a necessidade

de tomar a imagem como objeto de investigação. Assim, numa sessão temática realizada num colóquio sobre “Linguagem e Sociedade”, sediado na Escola Normal Superior de Paris, em 1983, Pêcheux discorre sobre o papel da imagem e a define como “um operador de memória” (PÊCHEUX, [1983b] 1999). Além disso, no projeto de pesquisa *Leitura e Memória*, Pêcheux ([1981] 2011) defende uma noção de memória social e histórica. Avizinhando-se, pois, das reflexões de Courtine sobre a memória discursiva, aquele pensador lança luzes sobre uma questão que mais tarde será de relevância indisfarçável nas contínuas feições da AD: o estudo da imagem. Atualmente, a AD precisa engendrar ferramentas que se prestem à análise de tantos suportes e diferentes modos de investigação do discurso (MILANEZ & BITTENCOURT, 2012).

A própria noção de *interconicidade*, conforme postulada por Courtine (2008; 2013), ancorada no conceito de interdiscurso de Pêcheux ([1979] 1988), além das reminiscências advindas das ideias de *enunciado, arquivo e domínio de memória* de Foucault ([1969a] 2010), remonta ao conceito de *memória discursiva*, também cunhado por Courtine, nos anos 80.

A *interconicidade* de Courtine (2011; 2013), *grosso modo* concebida como a memória das imagens, encontra eco na abordagem do icônico de Belting (2006), desenvolvida no interior da Antropologia. Segundo essa perspectiva, a imagem está em constante relação com o corpo, o sujeito e o suporte que a veicula. Isso supõe compreender que a produção da imagem obedece a dois regimes: um interno, correspondente às imagens vistas e lembradas pelo sujeito; outro, externo, adere ao imaginário coletivo, a imagens historicamente (re) produzidas. Antes de serem estanques, essas duas formas de conceber a imagem são “dois lados da mesma moeda” (BELTING, 2006, p.35). É nesse sentido, portanto, que Courtine (2011, p.160)

conceitua *interconicidade* no entremeio de imagens externas com “imagens internas, as imagens da lembrança, as imagens da rememoração, as imagens das impressões visuais armazenadas pelo indivíduo”.

A análise da imagem, conforme preconizada aqui, vincula-se ao conceito foucaultiano de *enunciado*, na medida em que este não se restringe aos limites de uma estrutura linguística, porquanto abarca outras semioses, englobando uma função enunciativa, determinada por regras sócio-históricas. Daí ser imprescindível investigarmos o funcionamento da memória das imagens, tendo em vista que “não há memória sem história” (COURTINE, 2008, p.17). Com isso, estamos considerando o discurso como uma prática que se imbrica a historicidade dos sentidos e dos sujeitos. Reiteramos que essa associação entre os conceitos de *interconicidade* e *enunciado* só é possível, porque essa noção em Foucault apresenta uma dimensão eminentemente *semiológica*. Com efeito, esse autor analisa elementos como a pintura (FOUCAULT, [1973] 1988) e o olhar (FOUCAULT, [1963] 2001), dilatando, assim, os limites da análise investigativa para além das fronteiras do verbo, mesmo porque a análise do campo discursivo deve primar pela observação da emergência dos enunciados para além da articulação das palavras (cf. TASSO & SILVA).

A culpa do clique: o funcionamento verbo-visual do discurso do risco

Foucault ([1969a] 2010) nos ensina que é preciso vasculhar as regularidades dos discursos em meio à dispersão enunciativa do arquivo. Seguindo essa orientação, ao examinarmos diversas capas das revista¹ *Época*² dos últimos dez anos, foi possível encontrar a recorrência de determinados temas, inscritos numa rede enunciativa aparentemente comum. Trata-se, em

linhas gerais, de um discurso que se constrói a partir da ideia segundo a qual a internet e todo seu arsenal eletrônico expressam perigos para os internautas e, desse modo, é necessário precaver-se contra eventuais problemas, tanto na vida pessoal quanto no âmbito profissional. Esse discurso, aqui nomeado de *discurso do risco*, parece-nos habitual na mídia, pois se enlaça a uma teia discursiva através da qual se alardeia o risco de perder o emprego, de ficar sozinho, de ser vítima da violência urbana, de adoecer (LIPOVETSKY, 2004), de engordar, dentre outros, enredando-se, assim a um dispositivo do medo (BAUMAN, 2008) típico da sociedade contemporânea. Essa raridade dos enunciados recorta, dentre os inúmeros dizeres, aqueles que serão enfocados no regime de enunciação da revista.

Na materialidade repetível das capas desses semanários, a conjunção de elementos verbais e imagéticos dá um tom de alerta, de modo a interpelar o leitor, fazendo-o analisar suas atitudes na web. Nesse sentido, analisemos especificamente a capa a seguir:



Figura 1: *Época*, ed.749, set.2012

A posição-sujeito a que os enunciados presentes na capa de *Época* alinham-se circunscreve um jogo com o leitor, uma vez que o inquire a ponderar sobre as relações de amizade (entre)tecidas no *ciberespaço*. Vê-se, assim o exercício das *modalidades enunciativas*, conforme especifica Foucault ([1969a] 2010), na medida em que o sujeito fala de um lugar institucional particular, isto é, o espaço da revista no cerne do dispositivo midiático. Ao propor um embate entre amigos reais x amigos virtuais, a revista não compara as distopias da noção de amigo no âmbito do virtual e do real, mas, antes, põe em xeque o *status de amigo* do ambiente digital, tal como expresso na epígrafe desse texto. Usualmente, algumas redes sociais, como o *Facebook*, batizam os contatos que dela fazem parte com a alcunha de “amigo”, tendo como corolário a ânsia, por parte do sujeito internauta, de agregar em torno de si o maior número possível de amigos, com os quais é humanamente impossível tecer uma aproximação mais consistente, em vista da quantidade expressiva de contatos que essas redes possibilitam.

Daí emerge uma série de discursos que vai apontar para o caráter líquido (BAUMAN, 2008), evanescente e passageiro desses relacionamentos. É precisamente a essa constatação, ou domínio associado, para utilizarmos um termo foucaultiano, que os enunciados presentes na capa analisada vão se articular. Assim, os amigos *de verdade* a que alude o enunciado da capa incita o sujeito leitor a desconfiar dos seus contatos da web, prevenindo-se de futuros contratempos.

Na composição da materialidade discursiva

1 Concordamos com o posicionamento de Pereira (2013), para quem as capas de revista podem ser consideradas como um gênero discursivo, pois cumprem um papel comunicativo e um modelo mais ou menos estável de produção que entrelaça o verbal com a imagem.

2 Escolhemos essa revista pelo fato de ela figurar, ao lado de *Veja* e *Istoé*, como as que possuem o maior número de tiragem. Disponível em: <http://historiaserankings.blogspot.com.br/2008/12/ranking-de-jornais-e-revistas-de-brasil.html>. Acesso em 20. maio. 2014.

da capa, entram em jogo o funcionamento da imagem e os efeitos de sentido dela emergentes. Assim, pinçamos o destaque conferido ao aperto de mão, forjado com as marcas imagéticas da função “curtir” do *Facebook*, cujo efeito de memória nos remete à fidelidade, ao pacto, à cumplicidade que esse gesto culturalmente evoca. Essas imagens são ativadas em função de uma memória que as historiciza, relacionando-as com outras imagens em cadeia, com vistas a deflagrar o fenômeno da *intericonicidade*, conforme defende Courtine (2013). Ao mobilizá-las, o enunciado imagético insinua a possível consecução de uma amizade “verdadeira” na *web*. Por outro lado, é preciso estar em constante vigilância, a fim de que se possa distinguir o “joio do trigo” frente à similaridade dos sorrisos insidiosos dos sujeitos que heterotopicamente saem do *smarthphone*, na capa. Em suma, no exercício da função enunciativa da capa analisada, é possível entrever a formação de um objeto de discurso que corresponde à necessidade de os usuários das tecnologias digitais terem o devido cuidado no que tange às relações interpessoais travadas no âmbito dessas redes.

Na capa a seguir (Revista *Época*), vislumbramos constatações isomórficas dessas anteriormente expostas. Para corroborar nosso escopo, vejamos:



Figura 2: *Época*, ed. 798, set. 2013.

A capa exhibe, a partir da intersecção da imagem com o verbo, determinada discursividade sobre a questão do assédio na *web*. Abrigadas sob a rubrica de *ciberbullying* e correlatos, essas práticas de ridicularização na internet têm engendrado uma miríade de discursos na mídia, muitos dos quais se prestam a tecer efeitos de verdades sobre esse problema, no intuito de “esclarecer” o público em geral. A materialidade discursiva da capa produz efeitos de sentido que nos remetem a esta questão. Isso ocorre por meio da disposição das letras do neologismo *facebullying* em consonância com o dedo indicador da mão-símbolo dessa rede social apontado, sugerindo o recurso “cutucar”.

Tal recurso possui várias acepções, mas comumente é ativado com a finalidade de chamar a atenção de alguém, com vistas a iniciar uma paquera ou não. O modo através do qual essa imagem encontra-se discursivizada na capa reporta-nos, num domínio de memória, a determinadas gozações, brincadeiras maliciosas e/ou mordazes existentes desde tempos imemoriais da história humana e que foram classificadas, a partir dos anos de 1970, como pertencentes à categoria do *bullying*, realocadas, pois, no âmbito do saber médico e jurídico, por exemplo. Portanto, essa memória é retomada e ressignificada no enunciado da capa, por meio do jogo da imagem com o trabalho que reformula a materialidade linguística (PÊCHEUX, [1981] 1994).

Além do exposto, é necessário atentar para a materialidade verbal em que se lê: *Antes a fofoca estava restrita ao cafezinho. Agora o assédio no trabalho chegou às redes sociais, ao e-mail – e já atinge 40% das empresas.* Nesses dizeres, observamos a raridade da função enunciativa, tendo em vista o corte operado por essa formulação no que tange aos diversos ambientes em que o assédio virtual pode permear; assim, a preocupação de tais dizeres circunscreve um diagnóstico do fenômeno do *ciberbullying* no meio empresarial. Para tanto, o saber da estatística,

que exhibe o problema sob dados quantificáveis, constrói verdades acerca da questão e, ao mesmo tempo, emoldura as particularidades do discurso do risco; o uso dos advérbios de tempo (antes, agora, já) ressoa efeitos de sentido relativos a uma periodização linear, além de apontar para o fato de o assédio na web constituir-se num perigo iminente e atual; em síntese, a revista imbuí-se de estratégias discursivas que acaba por constituir o objeto de que fala. Examinemos, por fim, a capa que segue:



Figura 2: *Época*, ed. 798, set. 2013.

Não é redundante retomarmos o princípio da exterioridade da função enunciativa. De acordo com Foucault ([1969a] 2010), o enunciado enxerta-se no âmbito das coisas ditas e, a partir daí, assinala o seu lugar de acontecimento. Assim, a emergência de um número da revista (edição de aniversário) interessado em discutir a questão das redes sociais delinea o estatuto de acontecimento a que esse discurso se atrela, nos dias de hoje. Em virtude disso, gostaríamos de analisar o tratamento dispensado a essa questão pelos enunciados presente na capa. *A priori*, é pertinente

observarmos a posição privilegiada que a capa dedica ao enunciado formado pela letra f – em referência ao *Facebook*. Dois pontos germinam de tal enunciado: i) a importância que essa rede social goza, em termos de popularidade e, por consequência, ii) o apagamento do ponto de vista da imagem de outras tantas redes existentes na web, inclusive marcadas pelos efeitos de sentido dos pontilhados nas reticências em *Facebook, Twitter, Orkut...*, o que denota a raridade da função enunciativa.

No interior dessa instância discursiva, a posição sujeito dos enunciados presentes na capa de *Época* vem coadunar com o discurso do risco, conforme focado neste texto. A materialidade verbal que indaga o momento em que se deve deixar as redes sociais articula-se, por exemplo, ao *risco de revelar sua vida privada*. As consequências danosas de se ter a vida íntima exposta na internet têm sido tratadas de forma espantosa pelos mais variados veículos midiáticos, com vistas a constituir um discurso legítimo (NAVARRO, 2010) sobre esse objeto. Acrescentamos, com isso, que vontade de verdade pretendida pelo discurso da revista está em consonância com as especificidades da prática discursiva jornalística.

Curioso especular que a aparição desse discurso situa-se na contramão de todo o desejo de exhibir-se ao olhar do outro inerente à formação histórica atual, no seio de uma sociedade sensivelmente marcada pela visibilidade (SIBILIA, 2008). Erige-se um paradoxo constitutivo nesse cenário: a ânsia em exhibir-se e o controle que tenta frear os riscos que essa exposição acarreta. Os enunciados da capa insistem nesse último aspecto, uma vez que sinalizam para os perigos daí decorrentes, tanto na vida pessoal (os ardis da exposição excessiva e a *internet* como um vício)³ quanto no campo profissional (possíveis

3 Sobre esse aspecto, cf. Silva e Silveira, 2014.

implicações negativas dos amigos virtuais).

Esta última preocupação alinha-se a todo um discurso da produtividade que constituem fagulhas da sociedade de controle (DELEUZE, 2006). De acordo com esse autor, a forma de organização das empresas repercute de modo tenaz sobre diferentes setores da sociedade, de modo que o *marketing* acaba por constituir-se como uma das principais formas de controle social (PEIXOTO JUNIOR, 2008). Isso explica, portanto, a aparição de discursos que nos remetem aos anseios do mundo do trabalho; nesse sentido, os enunciados das capas de *Época* partilham desse posicionamento, uma vez que estão encadeados ao desejo de se ter a vida profissional resguardada dos perigos (SILVA & BARBOSA, 2014) que a web pode acarretar.

Considerações finais

O virtual resgata o real em pé e o cospe tal qual, em prêt-à-porter (Jean Baudrillard).

Neste texto, empreendemos uma análise de algumas capas da revista *Época*, no intuito de investigarmos o funcionamento do discurso do risco no âmbito dessa materialidade discursiva. Atentamos para o fato de a mídia estudada construir a internet como um objeto de discurso atravessado marcadamente pela aura do perigo, o que requer um cuidado constante, por parte do sujeito internauta, em relação às artimanhas do digital. Para flagrarmos a convergência das discursividades verbais e imagéticas da função enunciativa nas capas, pautamo-nos especialmente nos postulados de Michel Foucault, de Michel Pêcheux e Jean-Jacques Courtine.

Na natureza compósita das capas, foi possível entrever o funcionamento de um discurso que aponta para a necessidade do sujeito leitor da revista adotar uma postura de alerta no que tange

às armadilhas incrustadas no ciberespaço. Além disso, revista, ao falar de um lugar circunscrito e privilegiado, apresenta-se como a fonte do saber, do esclarecimento, os quais devem ser apropriados pelo leitor, com vistas a trilhar de forma segura os rincões da web.

Derrida (2004, 247) fala-nos que “o computador instala um novo lugar: nele somos projetados mais facilmente para o exterior, para o espetáculo [...]”. Com efeito, todas as tecnologias digitais incidem de maneira prodigiosa sobre as subjetividades contemporâneas e redefinem o modo através do qual o sujeito relaciona-se consigo mesmo e com os outros. Levar em conta as discursividades que circundam o mundo virtual e suas consequências é de uma urgência singular nos tempos hodiernos. Sem incorrer numa postura panfletária, ressignificamos os dizeres de Pêcheux ([1983a] 2006), segundo os quais a prática de análise do discurso deve ser, antes de tudo, uma questão de ética e responsabilidade.

Referências:

BAUDRILLARD, J. **Tela total** : mito-ironias da era do virtual e da imagem. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BELTING, H. Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à iconologia, **Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**, São Paulo, n.8, jul./2006. p.32-60. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/revista/ghrebh/index.php?journal=ghrebh&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=178>. Acesso em: 20. jul. 2013.

COURTINE, J. J. Discursos líquidos, discursos sólidos: a mutação das discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Org.). **Análise do discurso:**

heranças, métodos e objetos. São Carlos: Claraluz, 2008.

_____. Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário. In: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011.

_____. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Péter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2006.

DERRIDA, J. **Papel-Máquina**. Trad. Evando Nascimento. Rio de Janeiro. São Paulo: Edição Liberdade, 2004.

FERNANDES, C. A. A noção de Enunciado em Foucault e sua atualidade na AD. In: _____. SANTOS, J. B. C. (orgs.). **Percursos da Análise do Discurso no Brasil**. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, M. **Isto não é um cachimbo**. Trad. Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **O nascimento da clínica**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. Michel Foucault explica seu último livro. In: _____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Coleção Ditos e Escritos, v.II).

_____. **A ordem do discurso**. 19. ed. Ed. M. J. Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Trad. Márcio Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MILANEZ, N. BITTENCOURT, J. S. Materialidades da imagem no cinema: discurso fílmico, sujeito e corpo em **A dama de**

ferro, Movendo Ideias, v.17, n.2, p.7-20, 2012. Disponível em: http://www.unama.br/editoraunama/download/revistami/mi_v17_n2_2012/artigos_pdf/mi_v17_n2_2012_artigo_1.pdf. Acesso em 21. fev. 2014.

NAVARRO, P. Uma definição da ordem discursiva midiática. In: MILANEZ, N.; GASPAR, N. R. **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

_____. Papel da Memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.

_____. Especificidade de uma disciplina de interpretação. In: ORLANDI, E. (Org.). **Análise do discurso: Michel Pêcheux**. Campinas: Pontes, 2011.

PEREIRA, T. M. A. **O espetáculo de imagens na ordem do discurso midiático: o corpo em cena nas capas da revista Veja**. 203 f. 2013. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2013.

PEIXOTO JUNIOR, C. A. **Singularidade e Subjetividade: ensaios sobre clínica e cultura**. Rio de Janeiro: 7Letras: Editora PUC-Rio, 2008.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, F. V.; SILVEIRA, E. L.S. As fendas do *homo digitale* nas bordas do discurso humorístico, **Gatilho** (UFJF), n.17, maio de 2014. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2014/05/silveira-e-silva-2014.pdf>. Acesso em: 18. maio. 2014.

_____.; BARBOSA, M. S. F. O perigo mora na tela: discursividades sobre o digital na mídia,

Calidoscópio, São Leopoldo, v. 12, n.3, set./dez. 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2014.123.06>. Acesso em: 22. jan. 2015.

SOUSA, K. M. Dispositivo de segurança nos discursos do cotidiano urbano: o jogo entre o medo e o bem-estar. In: JÚNIOR, A. F.; _____. **Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade**. Goiânia: Gráfica da UFG, 2014.

TASSO, I.; SILVA, E. Apresentação. In: _____. **Língua(gens) em discurso: a formação dos objetos**. Campinas: Pontes Editores, 2014. (Coleção Linguagem e Sociedade, v.7).

Artigo enviado em: 26/01/2015

Aceite em: 26/05/2015